



## Construção de Conhecimento Agroecológico em Território de Identidade Rural de Sergipe

*Edmar Ramos de Siqueira<sup>1</sup>*

*Marília Andrade Fontes<sup>2</sup>*

*Jorge Enrique Montalván Rabanal<sup>3</sup>*

*Pedro Zucon Ramos de Siqueira<sup>4</sup>*

*Karoline Ferreira Coelho<sup>5</sup>*

*Fernanda Souza Amorim<sup>6</sup>*

### Introdução

A carência de metodologias mais adequadas que apoiem a inovação agroecológica nas unidades familiares camponesas em territórios de identidade rural em Sergipe e a falta de visibilidade técnico-científica de experiências exitosas justificaram a realização deste projeto de pesquisa-ação para contribuir com um desenvolvimento sustentável da região.

Nesse contexto, o objetivo foi ajustar uma metodologia de construção do conhecimento agroecológico para apoiar a autonomia tecnológica da família camponesa visando à produção de alimentos, fibras e energia sem impactos ambientais negativos.

A agroecologia, neste âmbito, é entendida como um ramo da ciência que atua por meio da valorização do conhecimento local, camponês e indígena e seus

conteúdos históricos gerados como consequência de formas de resistência cultural (GUZMÁN, 2011) e, como uma ferramenta da agricultura familiar camponesa (PETERSEN, 2013).

Entre as metodologias de construção do conhecimento agroecológico existentes uma das mais interessantes é a “campesino a campesino” (HOLT-GIMÉNEZ, 2008), que consiste no intercâmbio de conhecimentos, com interação de saberes protagonizados pela família camponesa, idealmente, articulado e operacionalizado com parceiros dos serviços de extensão rural e a pesquisa científica.

Essa metodologia se originou em regiões onde os serviços de extensão rural públicos deixam a desejar por causas como acessibilidade, deficiência no número de técnicos, falta de infra-estrutura e carência de recursos e, a partir de então, as famílias camponesas passaram a se organizar com

<sup>1</sup> Engenheiro-florestal, doutor em Ciências Florestais, pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE.

<sup>2</sup> Engenheira-florestal, doutoranda em Geografia Agrária, Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, SE.

<sup>3</sup> Engenheiro-agrônomo, mestrando em Geografia Agrária, Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, SE.

<sup>4</sup> Turismólogo, mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente, extensionista do Centro Comunitário de Formação em Agropecuária Dom José Brandão de Castro (CFAC), Aracaju, SE.

<sup>5</sup> Cientista Social, mestranda em antropologia, extensionista do Centro Comunitário de Formação em Agropecuária Dom José Brandão de Castro (CFAC), Aracaju, SE.

<sup>6</sup> Historiadora, mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente, analista da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE.

autonomia e compartilhar conhecimentos para os seus processos de inovação (REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE, 2014).

As primeiras experiências aconteceram na China em 1920 e, nos últimos trinta anos, a metodologia se desenvolveu e evoluiu na América do Sul e, especialmente na América Central (REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE, 2014; SOSA et al., 2011).

No Brasil, devido ao contexto de formação da maioria dos técnicos extensionistas estar impregnado pela influência da visão da revolução verde e de práticas que visam “modernizar” o campo, na lógica dos pacotes tecnológicos, este tipo de construção do conhecimento tarda a chegar.

Dessa forma, é preciso reposicionar o papel dos serviços de extensão rural, para valorizar e retomar o protagonismo da família camponesa e, para isso, é necessário resgatar princípios como o diálogo e a horizontalidade.

A pesquisa foi realizada no Território de Identidade Rural Sul Sergipano, localizado nos Tabuleiros Costeiros do Estado de Sergipe, pertencente ao bioma Mata Atlântica do Nordeste Brasileiro, que abrange doze municípios: Arauá, Boquim, Estância, Cristinápolis, Indiaroba, Itabaianinha, Itaporanga D’Ájuda, Pedrinhas, Salgado, Santa Luzia do Itanhi, Tomar do Geru e Umbaúba, que tem na citricultura sua identidade original, com conflitos territoriais no âmbito da expansão da monocultura do eucalipto e, naqueles relativos ao excesso do uso de agrotóxicos e restrições no acesso extrativista a fontes de recursos naturais.

A realização das ações resultou de uma parceria efetiva entre Colegiado Territorial, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra-SE), Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Centro Comunitário de Formação em Agropecuária Dom José Brandão de Castro (CFAC).

## Metodologia de Construção do Conhecimento Agroecológico

A metodologia consistiu da identificação e sistematização das experiências de transição agroecológica; intercâmbios de interação de saberes; devolução e planejamento das próximas etapas do processo de construção do conhecimento; consolidação dos princípios agroecológicos identificados nas experiências e novos ciclos de intercâmbios temáticos enfocando cada um dos princípios consolidados: plantar sem veneno; não usar fogo; plantar para não comprar; máximo de diversidade nos cultivos; integração lavoura-pecuária; rotação de culturas; autonomia de fertilizantes; controle alternativo de pragas e doenças; ter e saber usar árvores; usar o mato para cobertura; troca de saberes e, respeito e valorização da mulher.

Para a identificação das experiências de transição agroecológica foi realizado um trabalho conjunto com os atores da extensão rural que atuavam no Território, que viviam o cotidiano dos assentamentos, conheciam as famílias camponesas assentadas e, então, foram identificadas aquelas que possuíam referência agroecológica.

Os intercâmbios para interação de saberes se iniciaram com as famílias identificadas que se dispunham a receber a visita das outras tantas que viviam em uma mesma condição territorial e estavam dispostas a compartilhar seus conhecimentos e sua visão acerca da agroecologia.

O processo se iniciava pela recepção de boas vindas, seguida de uma dinâmica lúdica de integração, descontração e, narração, de forma breve, sobre a história da metodologia “Campesino a Campesino”.

Na sequência havia a construção de um conceito deste Coletivo sobre agroecologia (enfatizando-a como uma ferramenta da agricultura camponesa) no primeiro intercâmbio; a partir do segundo fazia-se a retrospectiva do intercâmbio anterior em lugar da construção do conceito.

Na próxima etapa a família farol do dia contava a sua história de vida e, especialmente, aquela relativa à produção agrícola, objeto do intercâmbio

do dia e, na continuidade visitava-se a experiência, por meio de uma caminhada transversal (VERDEJO, 2007), momento rico de observação do espaço e troca de impressões e coleta, quando permitido, de sementes e propágulos.

Após a caminhada transversal, restabelecia-se a roda de conversa para avaliar a experiência, que era realizada por meio das perguntas: o que retiraria para aperfeiçoar a experiência, o que colocaria e o que leva como conhecimento adquirido com esta experiência.

Feita a avaliação, selecionava-se a próxima experiência a ser visitada e agendava-se o próximo intercâmbio.

O encerramento era feito com um almoço ou lanche coletivo de produtos da experiência visitada, valorizando assim a produção local.

Após um trabalho exaustivo de análise das informações coletadas por meio de anotações, áudio e fotos eram realizadas as sistematizações das experiências e consolidadas em boletins individuais por família (Figura 1).



**Figura 1.** Boletim sobre uma das experiências agroecológicas sistematizada no âmbito do Projeto Camponês a Camponês, Estância, SE, 2014.

Com o aumento do número de famílias participantes foram se constituindo redes territorializadas para facilitar a logística de transporte para a reunião no dia do intercâmbio.

A cada série de dez intercâmbios procedia-se à devolução das informações para as redes. Este processo consistia de um dia de atividades. Iniciava-se por uma dinâmica de uma retrospectiva do que era esta rede e a lógica dos intercâmbios. Na sequência era feita a leitura de cada um dos boletins dos dez intercâmbios com uma análise dos princípios agroecológicos identificados em cada um deles. A atividade era concluída com uma visão crítica do processo de intercâmbios e com observações de como poderia se melhorar no próximo ciclo.

Para o ajuste da metodologia de intercâmbios foi utilizada uma matriz de sistematização onde os objetivos propostos e os resultados obtidos foram avaliados pelos camponeses e parceiros do projeto e, em uma oficina específica, cujo indicador principal, foi a melhoria que ocorreu em sua prática, em consequência dos intercâmbios.

## Resultados e Discussão

A identificação das experiências de transição agroecológica propiciou a criação de quatro redes de construção do conhecimento agroecológico, sendo denominadas de G1: Estância e entorno, com 23 intercâmbios; G2: Indiaroba e entorno, com nove intercâmbios; intercâmbios; G3: Arauá e entorno com catorze intercâmbios e, G4: Itaporanga

e entorno, com oito intercâmbios, totalizando 54 intercâmbios, no período de abril de 2012 a agosto de 2014.

Foram realizadas duas devoluções na rede G1 e uma na G2, as outras duas redes ainda não atingiram os primeiros dez intercâmbios, quando, então, acontecerão estes processos.

Uma das melhorias marcantes, proveniente de reflexões nas oficinas de sistematização, foi a idéia da realização de visita pré-intercâmbio, visando qualificar o processo e torná-lo mais atraente. Nesta visita, com poucos participantes, a família e juntamente com dois ou três técnicos, eram levantadas as informações e subsídios, também por meio de uma caminhada transversal à unidade familiar e, com estes elementos construído o boletim, cuja leitura passou a ser feita no momento que precedia a narração da história da família.

## Conclusões

A identificação das experiências de transição, no âmbito das redes de aprendizado agroecológico e a sistematização das experiências identificadas evidenciam um caminho seguro para viabilizar a inovação agroecológica nesses espaços.

## Referências

- COELHO, K. F. **Memória e pertencimento: a importância do grupo na reconstrução dos valores camponeses**. 2013, 76 f. Monografia (Conclusão de curso) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 93 p.
- GUZMÁN, E. S. **Sobre los orígenes de la agroecología en el pensamiento marxista y libertario**. 1 ed. La Paz-Bolívia: Plural editores, 2011. 168 p.
- HOLT-GIMÉNEZ, E. **Campesino a Campesino: Voces de Latino América, movimiento campesino a campesino para La agricultura sustentable**. Managua: Simas, 2008. 294 p.
- PETERSEN, P. **Sistemas agroecológicos**. Palestra proferida no I Seminário de Formação em Agroecologia, Aracaju, 2013.
- REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. **Metodologia camponês a camponês**. Manual para técnicos. PROMEC – Promoção Econômica de Camponeses: Beira, 2007. Disponível em: <[http://www.entwicklung.at/uploads/media/3\\_Manual\\_of\\_Farmer\\_to\\_Farmer\\_Methode\\_fuer\\_technisches\\_Personal\\_Trainer.pdf](http://www.entwicklung.at/uploads/media/3_Manual_of_Farmer_to_Farmer_Methode_fuer_technisches_Personal_Trainer.pdf)>. Acesso em: 10 abr. 2014.
- SIQUEIRA, P. Z. R. de. **A roça do futuro: agroecologia e campesinato em assentamentos de reforma agrária no território sul de Sergipe**. 2014. 105 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.
- SOUZA, F. A. **Aprendizado agroecológico na reforma agrária em Sergipe: práticas camponesas e interlocução com a ATER no Assentamento Paulo Freire II**. 2014. 122 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.
- SOSA, B. M.; JAIME, A. M. R.; LOZANO, D. R. A.; ROSSET, P. M. **Revolução agroecológica: o movimento de camponês a camponês da ANAP em Cuba**. Asociación Nacional de Agricultores Pequeños (ANAP), Havana; La Vía Campesina Región Norte América, Medellín, 2011. Disponível em: <<http://www.mpabrazil.org.br/biblioteca/livros/revolucao-agroecologica-o-movimento-de-campones-campones-da-anap-em-cuba>>. Acesso em: 10 abr. 2014.
- VERDEJO, M. E. **Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP**. Brasília, DF: MDA / Secretaria da Agricultura Familiar, 62. p. 2007.

## Comunicado Técnico, 154

Ministério da  
Agricultura, Pecuária  
e Abastecimento



Embrapa Tabuleiros Costeiros  
Endereço: Avenida Beira Mar, 3250  
CEP 49025-040, Aracaju, SE

Fone: (79) 4009-1344

Fax: (79) 4009-1399

[www.embrapa.br](http://www.embrapa.br)

[www.embrapa.br/fale-conosco](http://www.embrapa.br/fale-conosco)

Publicação disponibilizada on-line no formato PDF

1ª edição

On-line (2014)

## Comitê de publicações

**Presidente:** Marcelo Ferreira Fernandes

**Secretária-executiva:** Raquel Fernandes de Araújo Rodrigues

**Membros:** Alexandre Nizio Maria, Ana da Silva Lédo,  
Ana Veruska Cruz da Silva Muniz, Élio César Guzzo,  
Hymerson Costa Azevedo, Josué Francisco da Silva  
Junior, Julio Roberto Araujo de Amorim, Viviane Talamini  
e Walane Maria Pereira de Mello Ivo.

## Expediente

**Supervisora editorial:** Raquel Fernandes de Araújo Rodrigues

**Tratamento das ilustrações:** Arthur Henrique C. Godofredo

**Editoração eletrônica:** Arthur Henrique C. Godofredo

**Arte da capa:** Thiago Neumann